

Ricardo Martínez-Conde

DIÁLOGOS NATURAIS



Zadar eds.

Diálogos naturais



© Ricardo Martínez-Conde
<https://ricardomartinez-conde.es>

© Zadar ediciones

© Imagem da capa: F.R.F.M.

Primeira edição, 2025.

Impresso por Liberis.

Depósito Legal: M-18765-2025

ISBN: 978-84-128570-9-2

Ricardo Martínez-Conde

Diálogos naturais



Zadar eds.

Introdução

Na brevidade do haiku, como se fosse uma espécie de Aleph escrito, cabe todo o universo: a sombra de uma nuvem, o canto longínquo de um pássaro, a pausa entre dois pensamentos, a mudança de uma estação, o tremor de uma flor, o bater de asas de um pardal, o amanhecer entre os pinheiros, a luz que se desvanece, uma folha que cai, a lua refletida na água... São apenas três versos, dezassete sílabas, que incluem um convite a parar o tempo e a colocar o olhar humilde do ser humano perante uma beleza que não pede para ser compreendida, mas sim contemplada.

Ricardo Martínez-Conde é um escritor que pertence à memória de uma paisagem – a galega – que se desenrola entre a montanha e o mar, onde a névoa omnipresente acaricia o horizonte todos os dias, e o murmúrio do rio e o bater do coração da terra falam uma linguagem em que os silêncios significam tanto quanto as palavras. Não é de estranhar que, apesar de ser um escritor ocidental, tenha aqui escolhido

o haiku como forma de expressão, um género que dialoga com a poesia lírica do seu norte ancestral na observação profunda da natureza e na percepção do efémero. Ambos, embora separados por séculos e geografias, encontram uma forma de refletir a emoção pura e uma ligação íntima com a natureza.

Entre e leia.

Alfredo Ovilo
Primavera de 2025

*Escrita profunda, visível e invisível,
como diriam os nossos antigos gregos*

Fernando Menéndez

Cada manhã
uma impressão diferente:
o horizonte

Com o balanço
de cada folha, emerge um sonho
da árvore

Névoa do mar.
Gosto da sua memória,
da minha distância

O tempo diz
que o que importa será
aquilo que pensa

O movimento
é um equilíbrio ancestral,
a sombra sabe disso

A neblina tem
mãos brancas e delicadas.
Que elegância!

Tudo aqui
é a nova paisagem
do que foi vivido

A chuva chega
com aquele tom suave
e melancólico...

...e quando a onda
quebra, ergue-se
nos seus voos...

Ela olha para o vento?
A amante sonha,
algo pulsa

Se ela canta
o rumor ecoa
e a árvore canta

A nobre idade
vai como o vento:
nasce e morre

Assim como o rio
assim os problemas do mar
desaparecem

Um novo voo?
Será que é Primavera?
Sou eu quem voa?

A nuvem verde,
a doce rede
onde abraçar!

Se alguém assobia,
o dia celebra:
a nova costa

Névoa do rio;
velas do navio
dentro dela?

A folha caiu.
Alguém está em silêncio?
O Outono caiu

Um dia será;
vindo de longe?
Inverno!

Uma folha diferente
entre a frente e o verso,
a velha dúvida

A noite chega.
A formiga preta é preta.
Inverno escuro

Não é a chuva,
é o seu toque húmido
que perturba a flor

Porque será?
As cabecinhas olham-me
do ninho

O voo alto
celebra a liberdade
da solidão



Veja como
a flor parece-se na sua timidez;
e o que é ela o que está a olhar?

Perto do cabo
o grande mar aguarda
o marinheiro

Eu ouço a canção,
a razão do seu amor?
Dia de Verán

Ouço o murmúrio e
duvido que seja o nevoeiro
que sussurra

Deixa assim,
adormeceu;
está frio lá fora

É quando chove
que nos esquecemos do mar?
Pensamos por dentro

Hoje vi,
– a teia de aranha do orvalho –
por causa do gelo

Não há nuvens.
O céu está vazio?
O Rei Sol está a chegar

Algo correu mal
se o mar não canta agora.
Todos nós sofremos

Os pardais
discutem à noite?
Eu reconsidero

Na tempestade
fragilidade e medo
fogem, escondem-se

Nesta árvore
a vida passou
como o tempo

Tão novo
o mar azul-esverdeado parece,
é de manhã!

A névoa áspera
não pesa sobre as coisas:
anda na ponta dos pés

Quanto tempo levará
até que as folhas regressem
à árvore?

A floresta de pinheiros
arrulha. A brisa dá vida
ao seu canto

O tempo é
o que guarda e dá,
tal é a sua dádiva

Só o homem
esteve diante da árvore,
e agora pensa?

O mar ouve-se:
o seu canto animado
incita a viagem

Olha o vento.
Os segredos que ele guarda
ninguém saberá



O lilás aparece
verde-azul-vermelho-branco:
o amanhecer

De onde vem
o mar? Para onde vai
o seu longo sonho?

Perto da água,
alguém espera, imóvel;
a vida passa

Quando virá
essa brisa do céu?
Agora? Mais tarde?

Quando a noite cai
o animal esconde-se,
pense sozinho

Nos reflexos
o mar é perturbada, oh!
pela emoção

Mais do que o dia
o que nasce é a cor:
melancolia!

A água calma
espera pelas andorinhas;
já tem a lama

E com o vento
o sussurro na árvore:
amor inquieto!

Por uma canção,
o coração cresce:
as emoções

E se as praias
têm animaizinhos,
como dormem?

Dizem que um novo
pôr do sol está a chegar:
as borboletas!

O rio corre
e com o tempo, repousa
no silêncio

Se o tempo muda,
a cegonha vai para o sul,
o meu amor vai para o vento

O caracol segue
em direção ao destino incerto
da sua solidão

É madrugada
e a canção desperta:
a luz está a chegar

Agora é a hora
em que o mar se colore
para o verão

E ao amanhecer
o feitiço ouve-se:
novas cores

Olhe para o céu
para observar a espera,
para esperar

Quem as lá colocou?
Pequenas pilhas de algodão,
como as nuvens

Para o caminho
tudo o que é preciso é
silêncio e sonho

Estamos sozinhos:
as árvores sabem disso,
a água também

Nunca chegas
onde está o vento:
uma viagem natural

A nuvem chegou
e a emoção do céu
era evidente

Ela oscila sozinha.
Ela vai e volta sozinha.
Gota de chuva

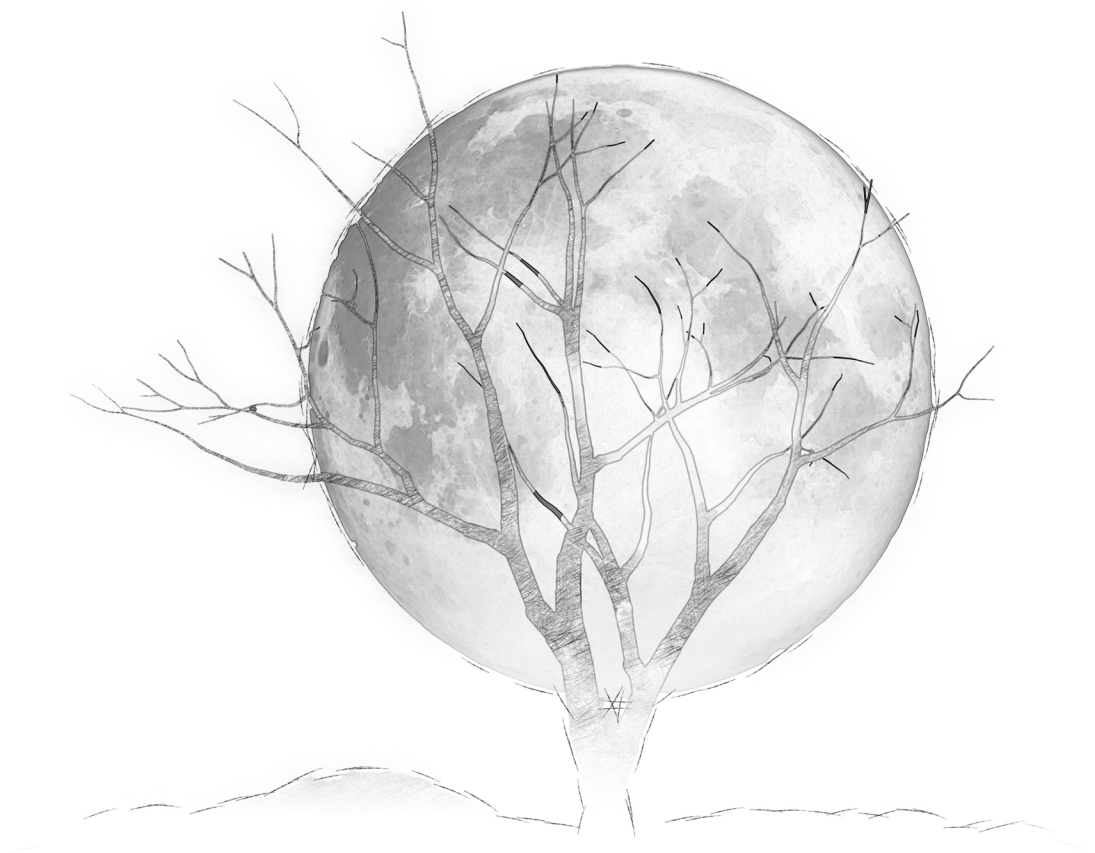
Havia neblina
na estrada velha:
lembrança

...nascido do sol

A senhora, severa,
virou-se para a amendoeira
e sorriu para ela

...nascido da lua

A lua saiu.
De que lua nasceu?
Silêncio silencioso



A neve chegou
com as suas botas brancas;
timidamente, partiu

É de manhã.
A palmeira assusta-se
com o mar revoltoso

Todos os dias
o sol aparece,
tão simples, assim

O gato olha
curiosamente, o que vê
nos reflexos?

Para a chuva,
a realidade é reservada
com grande modéstia

O surto aproxima-se.
A castanheira quer sol
para se exhibir

pró-Palestina

Agora a lua
recorda os mais pobres.
O seu deus faz isso?

Assim que chove,
a vida subterrânea:
um novo reencontro

As asas voam.
As nuvens pensam.
O caracol segue

Aquele que passeia
acolhe a incerteza
ao seu coração

As gotas vêm
de um céu muito sério
que não sorri

Assim que nevar
voltaremos a contar
com o silêncio

O melro e o pardal
chegaram à reunião;
a andorinha não

Se olhares para longe
ver-te-ás tão distante
quanto desejares

O trovão chegou.
O céu perturba a expressão.
Há novas gotas

Se sentires frio
as flores compreenderão
o teu lamento

Pessoas que passam.
Vão longe? Vão mais perto?
O movimento!

As andorinhas
discutem o seu futuro;
apenas duas voam

Ao amanhecer
ouvem-se novos trilos:
a vida agora

Transparência,
uma forma elegante
de esperar

Olhando para longe
pensamos que há mar
(à vontade)

Eles não dormem,
meditam; olhos fechados:
os pardais

Duas andorinhas
estão ocupadas com o céu.
Será que são um casal?

A simples flor
lilás arrulha sozinha:
janela aberta

Com o amanhecer
As asas abrem-se.
Novos sonhos

Olhando para o céu
aparece um espelho
que me reprende

Eu tenho um sonho:
que as fúcsias estão a dançar,
a floresta está a sorrir

O canto
da velha tempestade se ouve.
O mar é ouvido



Se levantar voo,
haverá algo no rio
ou na estrada

E se ele vier,
que seja celebrado para que
parece uma flor

O que olhamos
corresponde ao silêncio
do que vemos

Não há lugar
onde o canto não chegue:
vivendo o dia

Brilha novamente.
Vem de terras lentas;
infantil verão

Se não chegou,
talvez a névoa tenha caído
no seu caminho

Você não encontrará
amores-perfeitos,
mas sim a flor fúcsia

Do outro lado
a folha daquela tília
tem luz própria

Agora a árvore
com as suas folhas murchas
mostra o ninho

Tenho notícias
de que o amanhecer aparece...
como uma noiva

O que não vejo
contém em si a sua beleza:
eu viajo sozinho

Os pirilampos
já decoram a noite:
terna nostalgia

Enquanto se deitava
no lento crepúsculo
ele sabia quem era

O dia nasce:
tudo aguarda a sua palavra,
o sol ainda está silencioso

Naquela árvore
a primavera pousou.
Parabéns!

Mova o ar
com desejo inquieto:
nova gaivota

O horizonte
confia na espera.
A vida continua

A água flui
cheia de ilusões,
desordenada?

Ao anoitecer
quem dirá ao velho sol
para não se molhar?

Ninguém vai esperar
pelo que a vida sonha:
o amor será

Sim, chegou:
uma nuvem muito triste
quase rosa

Em ritmo lento
o padre pensa
no doce amor

Um, dois e...
A gota a cair.
E depois silêncio

Tantas cores
confundem a rosa:
ela voltou ao botão

É o sino
que desenha no ar
o que penso?

Este frio sendo
uma paisagem nua,
eu protejo as minhas mãos







Gosto do artesanato das palavras,
e neste jogo confio que o leitor
obtenha emoção, dúvida, silêncio...

Este livro, *Diálogos naturais*, de Ricardo Martínez-Conde,
terminou de ser impresso em 14 de abril de 2025,
quando a luz, na sua dança silenciosa, começa a surgir
entre as árvores e sobre a terra, prometendo sonhos coloridos.

O movimento
é um equilíbrio ancestral,
a sombra sabe disso

*

...e quando a onda
quebra, ergue-se
nos seus voos...

*

Tudo aqui
é a nova paisagem
do que foi vivido



Zadar eds.